

Quando a arte revela o meio ambiente: uma análise histórico-crítica sobre a destruição pantaneira no governo Bolsonaro em diálogo com a música Pantanal, de Marcus Viana

When the art reveals the environment: a historical-critical analysis of the destruction of the Pantanal in the Bolsonaro government in dialogue with the song Pantanal, by Marcus Viana

Danielle Cristina Pereira 1
Universidade Federal de Lavras 1
danielle.pereira1@estudante.ufla.br 1

Antonio Fernandes Nascimento Junior 2
Universidade Federal de Lavras 2
antoniojunior@ufla.br 2

Resumo

A arte é um caminho para discutir sobre os problemas que afetam a sociedade. Portanto, contar com esses recursos como prática pedagógica pode ajudar estudantes a construir pensamento crítico sobre a realidade em que estão inseridos e os(as) problemas sociopolíticos e ambientais. Uma das formas que permite esse diálogo é a música, mas para isso é importante que haja um mediador que consiga fazer os(as) alunos(as) a refletir sobre questões sociais, políticas, culturais e ambientais. Assim, esse trabalho teve como objetivo fazer uma análise histórico-crítica sobre a destruição que vem acontecendo no Pantanal durante os últimos 4 anos, trazendo como diálogo a música Pantanal, de Marcus Viana. Para isso, utilizamos a análise de conteúdo, percebendo que é possível fazer um debate acerca da destruição das matas, dos animais e até dos povos originários que ali habitam por meio das canções que resistem à era da mercantilização das artes.

Palavras-chaves: música, destruição do Pantanal, análise histórico-crítico, governo Bolsonaro, formação de professores(as).

Abstract

Art is a way to discuss the problems that affect society. Therefore, relying on these resources as a pedagogical practice can help students to build critical thinking about the reality in which they are inserted and the socio-political and environmental problems. One of the ways that allow this dialogue is the songs, but for this it is important to have a mediator who can make students reflect on social, political,

cultural and environmental issues. Thus, this work aimed to make a historical-critical analysis of the destruction that has been happening in the Pantanal during the last 4 years, bringing as a dialogue the song Pantanal, by Marcus Viana. For this, we use content analysis, realizing that it is possible to have a debate about the destruction of forests, animals and even the native peoples who live there through the songs that resist the era of the commodification of the arts.

Keywords: song, destruction of the Pantanal, historical-critical analysis, Bolsonaro government, teacher training.

Introdução

A arte é um ótimo caminho para discussões sobre os problemas que afetam a sociedade. Por isso, é importante que ela esteja presente na vida das pessoas, especialmente dentro das salas de aulas, pois permite que discentes e docentes possam debater sobre as mais variadas situações dentro do contexto histórico, político, social e cultural do ser humano.

Mas ainda que existam grandes possibilidades no meio artístico, algumas obras acabam despertando mais interesse nos(as) alunos(as), isso porque fazem parte do seu cotidiano e acabam prendendo a atenção. Esse é o caso das músicas, já que muitas são obras mais curtas e estão presentes no dia a dia das pessoas.

Contudo, por mais que as canções têm potencialidade de encantar, despertar curiosidade e até mesmo um senso crítico sobre o que se ouve por meio das letras, é preciso cuidado, já que é uma arte que vem sendo apropriada pelo capital e usada com apenas mais uma forma de desconstruir, alienar e manipular o ser humano.

Vemos isso acontecer nos estilos que trazem letras, melodias e harmonias mais chulas, onde o ouvinte apenas tenta reproduzir o que se escuta em suas danças e forma de agir, sem que haja qualquer reflexão sobre aquilo que se ouve. Ou seja, são músicas que apenas trazem conteúdos vazios, impedindo que o sujeito consiga compreender e até refletir sobre os problemas sociais, políticos e ambientais que estão à sua volta.

Isso fica mais evidente com as músicas pops de hoje em dia que estão frequentemente presentes em festas, onde os(as) jovens mais frequentam. Principalmente em confraternização escolares e universitárias, fazendo com que as pessoas cultivem esses momentos como mera distração.

É o que Adorno e Horkheimer (1985) chama de Indústria Cultural, onde a sociedade acaba sendo obrigada a experienciar a industrialização da cultura que visa a alienação social e, ao mesmo tempo, a lucratividade de uma classe opressora, o que impede que a classe marginalizada se aproprie de uma Formação Cultural que ajude na emancipação e na construção do pensamento crítico-reflexivo.

Em outras palavras, a Indústria Cultural tem o objetivo de levar as pessoas a reproduzirem o que o sistema capitalista quer, fazendo com elas continuem sendo marionetes da classe dominante e isso também é visto dentro das instituições educacionais, onde discentes e docentes, em alguns casos, acabam por ter diálogos focados unicamente no conteúdo programático, que, muitas vezes, ajuda a camuflar a realidade posta.

Mas ainda que exista tais obstáculos, é possível romper com a ideologia hegemônica e, por meio da música, fazer com que os debates sejam enriquecedores, possibilitando um olhar crítico

sobre o que acontece no mundo, principalmente quando se trata das relações sociopolíticas e ambientais.

Conforme Silva *et al.* (2014), a música pode sensibilizar o sujeito e fazer com que estudantes consigam refletir sobre as relações sociais, observando a humanização do próprio ser. Assim, a arte em si traz consigo a capacidade de humanizar e de diferenciar o ser humano dos outros animais.

Nos últimos anos os problemas sociais e ambientais se sobressaíram, ganhando destaque inclusive nas mídias. Isso porque nos deparamos com um nível alarmante de desmatamento, queimadas, destruição da fauna e flora de nossas florestas e assassinatos dos povos indígenas. Tudo em nome da lucratividade e do neoliberalismo que vem sendo exaltado no governo que assumiu o poder em 2018.

Por isso, esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise histórico-crítica da destruição pantaneira, trazendo como diálogo a música Pantanal, de Marcus Viana, ressaltando os problemas socioculturais e ambientais que atingiram a região nos quatros anos do governo Bolsonaro, verificando o papel que essa canção pode ter na formação de professores(as).

Referencial teórico

A formação de professores(as) deve ser focada na realidade da sociedade para que futuros docentes possam levar para a sala de aula uma perspectiva reflexiva e, assim, formar sujeitos críticos e atentos ao que ocorre no mundo. Essa é a maneira de superar o sistema hegemônico e transformar a educação do país. Mas para que isso possa acontecer é importante que a classe marginalizada tenha acesso total à Formação Cultural que, Nabaes (2016) vê como uma “concepção que ultrapassa a veiculação de informação conteudista”.

Em consonância com Adorno (1996), as massas têm acesso mais fácil ao que é chamado de semiformação e sofrem influência direta da Indústria Cultural, que é só mais uma maneira de manipular e alienar as pessoas, impedindo que elas enxerguem o que o Capital tenta ocultar. Assim, essa formação acaba sendo petrificada, interferindo na emancipação do ser humano no mundo capitalista, pois, caso contrário, o sujeito com uma formação cultural rica e desafiadora poderia se tornar um sujeito crítico sobre os problemas sociais, o que seria danoso à classe burguesa.

Visto isso, vemos que é importante que docentes em formação busque por caminhos que não só possibilitam o olhar crítico, mas que também apresentam a realidade como de fato ela é, mostrando todos os problemas que envolvem as questões sociais, culturais, políticas e ambientais, onde existe uma classe opressora que explora a classe oprimida e os recursos naturais em busca da lucratividade constante. Trata-se da mercantilização daquilo que é essencial para a sobrevivência dos seres humanos.

Concordando com Melo e Faria (2018), as mais variadas artes podem ser a ajuda que se espera para a formação de sujeitos emancipados, uma vez que as obras também têm papel histórico-sociais que são importante recursos para a formação de professores(as), resultando no aumento da formação cultural.

Para Monteiro *et al.* (2020), vivemos em uma sociedade que é dividida por classes, tendo uma que domina os meios de produção, visando a manipulação e exploração de povos e da natureza, e uma que é completamente dominada, sendo vista apenas como mão de obra barata e um recurso a ser usado pelo Capital.

Ainda que esta seja a realidade social, há maneiras de contornar a situação e trazer uma visão crítica sobre esses acontecimentos, formando sujeitos reflexivos que enxerguem o que a ideologia hegemônica tanto tenta esconder.

Um caminho que permite essa mudança e oferece potencialidade de manifestações e discussões é a música que, conforme alega Barroco e Superti (2014), desperta interesse e encantamento, permitindo que estudantes compreendam a relação que há entre a sociedade e a natureza. Ainda nesse sentido, vale ressaltar que é preciso que haja uma mediação, onde alunos e alunas possam se apropriar da letra e das possibilidades contidas nela, compreendendo as palavras expressas na composição.

A música, conforme Oliveira (2018), pode trazer conceitos e fatos históricos em suas letras, permitindo uma visão contextual histórica. Corroborando com Araújo e Paz (2011), essa arte engloba diversas questões culturais, históricas, políticas e sociais, onde é possível abrir debates enriquecedores que apontam as ações da burguesia diante da sociedade e do meio ambiente. Além disso, tem um papel de denúncia e comoção para os problemas que estão ao nosso entorno.

Vale ressaltar que apesar da potencialidade da música, é necessário cuidado, pois como outras artes, ela também é apropriada pela burguesia, como forma de manter as mentes das pessoas presas à ideologia capitalista. Assim, as artes acabam sendo mais uma mercadoria e, em consonância com Adorno (2009), essa industrialização das obras artísticas nada mais é que uma manobra do Capital para manter as pessoas alienadas e esconder a realidade que as cercam.

Por isso, é importante contar com um(a) mediador(a) para que a canção possa surtir o efeito esperado e quebrar com o engessamento que o capitalismo traz para a educação, permitindo que discentes e docentes dialoguem sobre as questões sociais e ambientais abertamente, sem que a verdade seja camuflada e, com isso, seja possível transformar a realidade.

Em referência às possibilidades trazidas pela música no campo político, uma composição, como cita Oliveira (2018), pode contribuir para um debate abrangente entre professores(as) e os(as) estudantes sobre o mundo, desde que tenha um enfoque nos problemas sociais, ambientais e, consequentemente, políticos.

Sendo assim, é possível construir um olhar que se aproprie da teoria histórico-crítica que, para Saviani (2012), é um caminho para compreender os seres humanos, levando em consideração as transformações que ocorreram e ainda ocorrem à medida que os anos passam, visando os efeitos de um sistema hegemônico sobre a humanidade e o meio ambiente.

Já de acordo com Marx (2008) o materialismo histórico-dialético ajuda a compreender a realidade e as mudanças que a sociedade e a natureza sofrem. Vale dizer ainda que, Marx (2003) levanta uma questão importante sobre como o ser humano faz parte da natureza e como tal não pode ser desassociado a ela.

Metodologia

Neste trabalho separamos a música em partes, trazendo um olhar histórico-crítico sobre a letra da música Pantanal, de Marcus Viana e o que o governo bolsonarista vem causando no Pantanal e em seus habitantes. A escolha da música se deve pelo fato de que por meio da letra é possível trazer um olhar reflexivo sobre a relação entre os povos que habitam a região pantaneira e a natureza. Além disso, a música também destaca a força e resistência dos povos originários mesmo diante da exploração que eles e suas terras vêm sofrendo ao longo dos séculos.

Conforme diz Saviani (2018), a teoria histórico-crítica requer um caráter crítico associado à dimensão histórica do ser humano, já que é o movimento que explica o papel social do ser no mundo. Ainda de acordo com o autor (2012), esse é um caminho que concretiza a luta contra o sistema hegemônico, impedindo que ela seja apropriada e convertida em mais uma arma articulada aos interesses da classe dominante

Já Duarte (2013) reflete sobre a transformação da humanidade, onde o autor destaca que há um processo histórico, onde o ser humano objetiva as atividades de gerações passadas e se apropria da inserção social como meio de dar continuidade à história da própria humanidade. Mas é importante pontuar que mesmo sendo indivíduos com subjetividades distintas, a sociedade só é sociedade e o ser somente sobrevive no coletivo e, portanto, os meios que a natureza oferece fazem com que a humanidade continue com sua existência. Por isso, trata-se de uma relação de humanos-humanos e humanos-natureza. Ainda em consonância com Duarte (2013), o indivíduo deve estar inserido na história para que se alcance o processo de formação e se torne um ser humanizado e livre da doutrinação capitalista.

Para análise crítica sobre a situação dos crimes ambientais cometidos no Pantanal e assassinatos dos povos que habitam a região; acontecimentos que nos levou a discutir as ações do governo Bolsonaro, fazendo um diálogo com a música que leva o nome Pantanal, de Marcus Viana; foi feita uma pesquisa qualitativa que, segundo Bardin (2016), é um método que visa a utilização de diferentes técnicas, buscando compreender os mais diversos componentes que forma a sociedade, como: ambiental, político, social e cultural.

Além disso, usamos a análise de conteúdo para as inferências que a música possibilita que, para Bardin (2016), é uma pesquisa que ajuda a compreender e interpretar o que está em uma determinada forma de expressão. Nesse caso, passamos a estudar a composição, trazendo um olhar reflexivo para a interpretação da letra e dos elementos que corroboram com a pesquisa realizada, dando ênfase ao pensamento histórico-crítico e a possibilidade de explanar sobre a situação que se encontra o Pantanal no governo citado. Assim, foi feita a análise em cada trecho da música, levantando pontos importantes que ajudam na compreensão das inferências feitas.

A música Pantanal, de Marcus Viana

A música Pantanal foi composta em 1990 pelo cantor e compositor mineiro Marcus Viana. Apesar de ser uma obra criada para uma novela global e ter 32 anos de existência, a canção não podia ser mais atual e representativa, já que nesses últimos quatro anos o Pantanal tem sido alvo de diversos ataques que destruíram parte da mata, dos rios, da fauna e até dos povos que vivem lá.

Tais ataques são uma prova de como o referido governo se posiciona a favor da classe opressora, contribuindo para que uma pequena porção da sociedade (a parte burguesa) deixe de se portar como parte da natureza e se coloque como proprietária dela e de outras culturas.

Para Marx (2003) essa relação homem-natureza deveria ser um centro das atividades humanas, pois é dela que depende a nossa sobrevivência, mas devido ao capitalismo essa relação tomou outro caminho, onde parte da sociedade tornar o trabalho e os recursos naturais como meras mercadorias que estão disponíveis para as necessidades de apenas um grupo.

Concordando com Marx, Monteiro, *et al.* (2020) ressalta que “as questões culturais e ambientais estão intimamente relacionadas entre si e são resultados de um sistema que vem sendo arquitetado para explorar e gerar cada vez mais riquezas, a qualquer custo”.

A partir da letra composta por Marcus Viana, a música Pantanal, podemos fazer reflexões importantes sobre os crimes que vêm sendo cometidos contra a vegetação, os rios, os animais e a população pantaneira durante o governo que assumiu o posto desde 2018. Com isso, podemos fazer um diálogo aberto com futuros professores(as) sobre o que tem ocorrido no Brasil e como esses problemas afetam a sociedade e a natureza.

Pantanal – Sagrado Coração da Terra

By Marcus Viana

“São como veias, serpentes

Os rios que trançam o coração do Brasil

Levando a água da vida

Do fundo da terra ao coração do Brasil

Gente que entende

E que fala a língua das plantas, dos bichos

Gente que sabe o caminho das águas

Das terras, do céu

Velho mistério guardado no seio das matas sem fim

Tesouro perdido de nós

Distante do bem e do mal

Filho do Pantanal

Lendas de raças, cidades perdidas

Nas selvas do coração do Brasil

Contam os índios de deuses

Que descem do espaço no coração do Brasil

Redescobrimo as Américas quinhentos anos depois

Lutar com unhas e dentes pra termos direito a um depois

Fim do milênio, o resgate da vida

Do sonho, do bem

A terra é tão verde e azul

Os filhos dos filhos dos filhos dos nossos filhos verão

Lendas de raças, cidades perdidas

Nas selvas do coração do Brasil

Contam os índios de deuses

Que descem do espaço no coração do Brasil

Redescobrimo as Américas quinhentos anos depois

Lutar com unhas e dentes pra termos direito a um depois

Fim do milênio, o resgate da vida

Do sonho, do bem

A terra é tão verde e azul

Os filhos dos filhos dos filhos dos nossos filhos verão

O futuro é tão verde e azul

Os filhos dos filhos dos filhos dos nossos filhos verão”.

Resultados e Discussões

A música em questão traz referência sobre as matas, os rios que cortam o Pantanal e sobre os povos que vivem no local, tanto os indígenas quanto outros pantaneiros. Assim, é importante compreender o que cada verso traz para que a partir disso possa ser feita uma crítica sobre a atuação do governo e os crimes ambientais e culturais cometidos.

“São como veias, serpentes
Os rios que trançam o coração do Brasil
Levando a água da vida
Do fundo da terra ao coração do Brasil”

Na primeira estrofe o compositor faz referência aos rios que passam pelo Pantanal. Os principais são: Cuiabá, São Lourenço, Piquiri, Taquari, Aquidauana, Miranda, Apa, além do rio Paraguai, o de maior porte da localidade. Dentro desses variados rios é possível encontrar diversas espécies de animais e vegetais.

O importante é que Marcus ressalta que a hidrografia pantaneira corre pelo coração do Brasil, já que as regiões por onde essas águas passam são ricas na diversidade de fauna e flora e tais água faz aflorar a vida desses seres, além de serem essenciais para a vida do ser humano.

Assim, a água é a fonte da vida humana, sem ela não seria possível a sobrevivência de nenhum ser, a água é um bem e um direito da sociedade como todo, seja ela de qual cultura for e representa garantia para as mais variadas formas de vida do planeta.

Contudo, apesar da importância das águas, os rios continuam sofrendo impactos devido a poluição e o desmatamento, causados, conforme alerta Angelis (2016), pelas atividades do agronegócio que utilizam um nível de agrotóxico alto; das mineradoras, que continuam explorando os recursos naturais de forma exacerbada; das grandes indústrias que despejam resíduos sem tratamento no meio ambiente.

De acordo com Contente (2020), durante o governo Bolsonaro foi extinguindo diversas medidas de proteção dos rios, lagos e oceano que tem provocado desastres ambientais significativos, o que tem ocasionado sérios problemas na saúde da população devido ao aumento da destruição das matas e dos rios. Tudo isso para facilitar a obtenção do lucro.

“Gente que entende
E que fala a língua das plantas, dos bichos
Gente que sabe o caminho das águas
Das terras, do céu”

Nessa estrofe o cantor fala sobre os pantaneiros que vivem por aquelas terras, observando, enxergando e convivendo com os bichos e com as plantas. Uma relação íntima, de grande respeito com a mata e as espécies que vivem por lá. Pessoas que se reconhecem como parte da natureza, respeitando-a e utilizando seus recursos com cuidado para manter a harmonia entre os seres humanos e o meio ambiente.

“Os domínios humanos, natural e sobrenatural compõem um sistema altamente interligado no mundo dos pantaneiros. Para eles, a natureza, na qual estão incluídos seres espirituais, não é apenas natural e muda. Muito pelo contrário, ela dita regras e comportamentais que regulam as atitudes dos vaqueiros com o ambiente” (BANDUCCI, 2007, p. 1).

Podemos observar que essa relação se difere na que vemos acontecer com a classe burguesa que vê tudo e todos como apenas uma forma de satisfazer seus desejos e aumentar seus lucros. Conforme aponta Monteiro (2020), para o Capital, os recursos ambientais são vistos como

mercadorias que estão a mercês da vontade de um pequeno grupo a fim de aumentar sua riqueza mesmo que isso cause prejuízos irreversíveis para o planeta.

“Velho mistério guardado no seio das matas sem fim
Tesouro perdido de nós
Distante do bem e do mal
Filho do Pantanal

Lendas de raças, cidades perdidas
Nas selvas do coração do Brasil
Contam os índios de deuses
Que descem do espaço no coração do Brasil”

Nessas duas estrofes podemos destacar o quanto o Brasil é rico em suas diversidades culturais, com mistérios, tradições e crenças dos povos originários, mas que vem sendo destruída, se perdendo devido a devastação dos seus territórios e do desrespeito com a natureza.

As culturas vêm se desfazendo conforme a região se desenvolve, dando lugar para uma realidade hegemônica, deixando para trás uma herança tradicional forte dos primeiros povos brasileiros.

Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2022), nos primeiros meses deste ano, o bioma pantaneiro sofreu com as queimadas, sendo registrado 175 focos, destruindo parte do território, tendo um aumento de 20% em relação ao ano anterior.

“Redescobrimo as Américas quinhentos anos depois
Lutar com unhas e dentes pra termos direito a um depois
Fim do milênio, o resgate da vida
Do sonho, do bem”

Nessa estrofe o compositor faz referência aos povos tradicionais que foram colonizados e escravizados por portugueses e outras nações ocidentais. Mas também ressalta a luta e resistência dos indígenas contra a classe dominante que até nos dias atuais invadem seus territórios, assassinam e violentam o seu povo.

Os povos tradicionais ainda são vistos como seres inferiores que devem ser tratados como propriedade do ser humano capitalista e da classe opressora. Para se ter uma ideia, conforme pesquisa feita pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), estima-se que em 1500 existiam mais de 3 milhões de povos indígenas no Brasil, mas devido a degradação do meio ambiente, exploração de terras e assassinatos desses povos, hoje, não há nem 900 mil indígenas vivos em todo território nacional.

A resistência e a luta para preservar a natureza, o terreno e sua tradição fazem com que os povos originários continuem sobrevivendo mesmo a tamanha destruição e violência. O Relatório feito pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), mostrou que só em 2019 houve 256 invasões em terras dos povos tradicionais e que 113 indígenas foram assassinados.

Conforme Missiatto, *et al.* (2021), trata-se de um projeto de extermínio para disponibilizar essas terras aos grandes empresários das mineradoras, do agronegócio e tantos outros. “Não é à toa que o número de invasões aos territórios indígenas tem aumentado justamente em um governo” que tem “apreço ao neoliberalismo em sua forma mais voraz”. (MINNATTO, *et al.*, 2021, p. 91).

“Governos burros acham que a economia não pode parar. Mas a economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós. Se os humanos estão em risco, qualquer atividade humana deixa de ter importância. Dizer que a economia é mais importante é como dizer que o navio importa mais que a tripulação. Coisa de quem acha que a vida é baseada em meritocracia e luta por poder. Não podemos pagar o preço que estamos pagando e seguir insistindo nos erros”. (KRENAK, 2020, p. 6).

Conclusão

A música pode ser um caminho que professores(as) em formação possam seguir para manter um diálogo a respeito dos problemas que cercam a sociedade, ajudando estudantes a construir um pensamento crítico sobre a realidade. Com isso, é possível emancipar os seres humanos e revelar a verdade que está por trás da ideologia capitalista.

Mas para que haja uma verdadeira transformação, é importante que o(a) docente esteja preparado para evidenciar o que a música possibilita, fugindo, assim, das armadilhas da Indústria Cultural.

Algumas canções acabam por possibilitar que as discussões girem em torno do que acontece com o mundo, mesmo quando foram compostas anos atrás. Esse é o caso da composição Pantanal, de Marcus Viana, criada em 1990, mas que ainda mantém um diálogo atual, onde foi possível trazer um olhar crítico sobre a devastação provocada nos últimos anos devido a má gestão do governo Bolsonaro que facilitou ainda mais o desmatamento e a poluição dos rios para que a classe burguesa continue a explorar a natureza e os povos originários em busca do aumento da lucratividade.

Agradecimentos e apoios

Agradecemos o apoio da CAPES/FAPEMIG e da Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Referencial Bibliográfico

ADORNO, T. L. **A teoria da semicultura**. In: Educação e Sociedade, Campinas: Papyrus, ano XVII, 1996.

ADORNO, T. L.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T.W. **Indústria cultural e sociedade**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ANGELIS, D. F. de. Importância da água para a vida e garantia de manutenção da sua qualidade. 2016. Disponível em: <https://conexaogua.mpf.mp.br/arquivos/artigos-cientificos/2016/10-importancia-da-agua-para-a-vida-e-garantia-de-manutencao-da-sua-qualidade.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ARAÚJO, S; PAZ, G. Música, linguagem e Política; repensando o papel de uma práxis sonora. **Terceira Margem**, v. 15, n. 25, p. 211-231, Rio de Janeiro. 2011.

BANDUCCI JUNIOR, A. A natureza do pantaneiro: relações sociais e representação de mundo no Pantanal. 1 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007, p. 1.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70 ed. São Paulo: 70, 2016.

BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, v.26, p.22-31. Recife. 2014.

COMUNICAÇÃO/FUNAI, Assessoria. **Último censo do IBGE registrou quase 900 mil indígenas no país; dados serão atualizados em 2022** Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/ultimo-censo-do-ibge-registrou-quase-900-mil-indigenas-no-pais-dados-serao-atualizados-em-2022>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). Em 2019, terras indígenas foram invadidas de modo ostensivo de norte a sul do Brasil. 2020. Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/09/em-2019-terras-indigenas-invadidas-modo-ostensivo-brasil>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CONTENTE, O. Bolsonaro e Salles abrem caminho para poluir ainda mais o ar, rios e mar. 2020. Disponível em: <https://www.bancariosrio.org.br/index.php/noticias/item/5336-bolsonaro-e-salles-abrem-caminho-para-poluir-ainda-mais-o-ar-rios-e-mar>. Acesso em: 14 nov. 2022.

DUARTE, N. A pedagogia histórico crítica e a formação da individualidade para si. **Germinal**, v. 5, n. 2, p. 59-72. Salvador. 2013.

INSTITUO NACIONAL DE PESQUISA ESPACIAL (INPE). Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/queimadas-no-pantanal-amazonia-e-cerrado-ja-sao-maiores-que-em-2021/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 6.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosófico**. 1 ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

MELO, J. S. A. de; FARIA, M. N. Cinema e Formação Cultural Docente-Breves apontamentos à luz da Teoria Crítica Da Sociedade. XI Congresso Internacional De Teoria Crítica, 2018. Araraquara. **Anais [...]**. Araraquara: Editoração Eletrônica, 2018.

MISSIATTO, L. A. F.; *et al.* A colonialidade nas políticas ambientais do governo Bolsonaro e a inversão dos órgãos de defesa do meio ambiente. **Margens Interdisciplinar**, v. 15, n. 24, p. 85-102. Abaetetuba. 2021.

MONTEIRO, J. A; *et al.* Quando a Arte conta a História: Um olhar crítico sobre a destruição da Floresta Tropical a partir da música de Vital Farias “Saga da Amazônia”. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental Alta Paulista**, v. 16, n. 6, p. 113-125. Alta Paulista. 2020.

NABAES, T. O. de. Formação cultural e sociedade de consumo – apontamentos oriundos de uma pesquisa-ação. **Revista do Centro de Educação**, v. 41, n. 2, p. 343-357. Santa Maria. 2016.

OLIVERIA, C. S. M. Utilização da música para compreensão da história política do Brasil. **Revista do Edicc**, v. 5, n. 1, p. 161-170. Campinas. 2018.

SAVIANI, D. Educação infantil versus educação escolar: implicações curriculares de uma (falsa) oposição. In: ARCE, A.; JACOMELI, M. R. (orgs.). **Educação infantil versus educação escolar?:** entre a (des)escolarização e a precarização do trabalho pedagógico nas salas de aula. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, C. R. *et al.* A educação dos sentidos e o sentido da experiência: relações e desafios para a formação de professores de educação física. **Conexões**, v. 12, n. 2. Campinas. 2014.

